

Sociologia e socialismo nos marcos dos parceiros do Rio Bonito

Marcelo Augusto Totti

Como citar: TOTTI , M. A. Sociologia e socialismo nos marcos dos parceiros do Rio Bonito. *In:* TOTTI , M. A.; CZAJKA, R. (org.). **Intelectuais, cultura e pensamento social no Brasil**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 7-12. DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-056-3.p15-28>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

SOCIOLOGIA E SOCIALISMO NOS MARCOS DOS PARCEIROS DO RIO BONITO¹

Marcelo Augusto Totti

*Percebi que havia no Brasil um
veio radical que seria interessante explorar,
para poder tentar aquilo que
sempre foi a aspiração da minha geração:
pensamento socialista que não fosse
tributário das normas impostas pela URSS*

Antônio Candido

Quando pesquisamos sobre a construção de uma sociologia no Brasil inúmeros autores se sobrepõem através de estudos e pesquisas, Fernando de Azevedo e Florestan Fernandes são dois exemplos de como

¹ Parte das reflexões desse texto foram apresentadas na mesa redonda Antônio Candido: sociologia e crítica literária, realizada no ano de 2017 na Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp de Marília.

suas pesquisas redimensionaram a perspectiva sociológica brasileira. Fernando de Azevedo com estudos mais teóricos nos anos 1930 e 1940, *Princípios de Sociologia*, *Sociologia Educacional* e *A Cultura Brasileira* são livros marcantes de um ponta pé inicial. Florestan Fernandes discípulo de Fernando de Azevedo segue esse caminho adaptando a pesquisa empírica com as formulações teóricas, denominado pelo próprio autor de estudos empíricos-indutivos, ambos sociólogos representativos de períodos de desenvolvimento dos estudos sociológicos no Brasil.

Fernando de Azevedo seria o representante de um período intermediário que corresponde dos anos 1930 a 1940, uma fase de “consolidação e generalização da sociologia como disciplina universitária e atividade socialmente reconhecida, assinalada por uma produção regular no campo da teoria, da pesquisa e da aplicação” (CANDIDO, 2006, p. 271). Florestan Fernandes consolidaria a institucionalização e os padrões científicos dessa disciplina nos anos 1950 como representante da denominada escola de sociologia paulista.

Outros textos e autores² também contribuíram de modo decisivo para esse desenvolvimento e fazem parte de um rol de estudos que poderíamos situar em um amplo campo denominado de pensamento social brasileiro, *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, *Formação do Brasil Contemporâneo* de Caio Prado Jr. fazem parte desse rol de uma geração, constituindo em subsídios fundamentais para análises da sociedade brasileira.

Um texto pouco lembrando e até digamos esquecido pelos intérpretes da história das Ciências Sociais e que o próprio Antônio Candido (2006) em seu artigo sobre a sociologia no Brasil não faz referência é *Os Parceiros do Rio Bonito*. Esse livro tem uma poesia e estética própria ao recuperar o homem do campo, seus modos de vida e sociabilidade, a trajetória é exemplar do início das pesquisas de campo na sociologia e está imerso dentro de outros tantos estudos, como um dos principais livros de formulação de uma sociologia. Segundo Santos (2002, p. 34) a seção que discorre sobre o método é ímpar na sociologia e pede uma leitura crítica do seu próprio texto, o ato crítico inaugurado por Candido é sugestivo de “um movimento interpretativo aberto e pautado por alguma fluidez,

² A referência aqui será feita para os autores pós anos 1930.

em contraposição à adesão irrestrita a este ou aquele aparato teórico-conceitual.”.

Procuraremos retomar a importância dos *Os Parceiros do Rio Bonito* como instrumental analítico de construção da sociologia tendo caráter crítico e radical e com uma influência marxista, uma leitura “que prevaleceu em nosso pensamento social até meados dos anos quarenta, especialmente em autores e obras marcados pelo ‘radicalismo’ de esquerda”. (JACKSON, 2002, p. 81) ou como definiu Cardoso (2013, p.170) ao comentar a obra de Candido, “o essencial da contribuição de *Os parceiros do Rio Bonito* se mantém: o sentido de problema na relação entre natureza e cultura e na relação entre diferentes modos de produção (o caipira e o capitalista)”, ou seja, o sentido da contradição dialética que move o pensamento radical de Antônio Candido.

AMIZADE COM FLORESTAN FERNANDES E A TRAJETÓRIA SOCIALISTA³.

Antonio Candido nasceu no Rio de Janeiro em 24 de julho 1918 e posteriormente mudou-se com sua família para a cidade de Santa Rita de Cássia, sua família tinha forte formação humanística e com alto grau de capital cultural, algo pouco usual no período, as mulheres liam muito (JACKSON, 2002) isso lhe rendeu uma condição bastante favorável, contando ainda o tempo que morou em Paris tendo contato com as artes, a literatura e a história. O contexto ao desenvolvimento de um amplo aspecto cultural e intelectual foi muito fértil e “amparada por uma excelente biblioteca doméstica em Poços de Caldas (MG), onde residiu durante a infância e a primeira juventude” (AGUIAR, 2014, p.279).

Os anos 1930 foram de grande efervescência política e cultural, a própria Revolução de 1930 liderada por Getúlio Vargas colocava fim na política oligárquica dos coronéis e ao domínio paulista, que tentaram dar o golpe com a malfadada “Revolução” Constitucionalista em 1932. Logo após a derrota em 1932, os paulistas procurariam fazer oposição ao governo varguista sem o tom belicista, mais por outras vias, a criação das elites e quadros dirigentes com alta capacidade técnica e intelectual seria

³ Löwy (2018, p.122) destaca a dificuldade de Antonio Candido falar de si, fazer uma autobiografia: “só com dificuldade, em entrevistas diversas, conseguiam seus interlocutores obter alguns fragmentos sobre sua vida”.

a saída para enfrentar Vargas e regenerar a nação. Em 1934 é fundada a Universidade de São Paulo com as seguintes expectativas,

As expectativas dos mentores da Faculdade de Filosofia quanto a seus resultados sobre a vida cultural e política do país, ainda que não fizesse menção específica à recuperação da posição política perdida pelos paulistas, nem por isto deixavam de ser grandes. Tratava-se, a seus olhos, de obra imensa e de significação sem igual na história das iniciativas culturais no Brasil. (LIMONGI, 1989, p. 158).

Em 1935, Antonio Candido conclui a escola secundária e em 1937 já militava num grupo de oposição ao Estado Novo⁴. No ano de 1939 “ingressou no curso de direito, que não concluiu, e na recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da também recém-criada USP, no curso de Ciências Sociais, que concluiria e seria sua entrada na vida acadêmica” (AGUIAR, 2014, p. 279). Em 1941 funda em conjunto com outros intelectuais a revista *Clima* e no ano seguinte começa a atuar como professor assistente na disciplina de Sociologia II, do catedrático Fernando de Azevedo cargo que ficou até o ano de 1958.

Justamente nesse período nasce uma intensa e fraternal amizade que perdurou até os anos finais da vida de Florestan Fernandes, conforme relata o sociólogo

Falar ou escrever sobre Antonio Candido é para mim extremamente difícil. A geração à qual pertencço não seria a mesma sem a sua presença e influência. Eu próprio não seria o mesmo se a vida não me pusesse em contato com Antonio Candido, o seu carinho, a sua severidade íntegra, a sua modéstia e orgulho intelectual – enfim, a sua personalidade de educador, que se erradia irresistível, como uma exigência de perfeição e de compromisso crítico.

Uma existência fecunda, devotada ao estudo, ao cultivo do talento dos jovens, ao ensino, ao florescimento da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e da Universidade de São Paulo, à

⁴ Como lembra Roberto Schwarz (2018, p.11) a militância de Antonio Candido não era meramente política, era de uma estética avançada e de princípios: “a militância antifascista e o antistalinismo compunham uma atitude minoritária e esclarecida, que a passagem do tempo não fez envelhecer. Em seu momento, quando a ditadura Vargas perseguia a esquerda e quando os comunistas, embora perseguidos, perseguiam por sua vez, a posição de Antonio Candido exigia coragem. Assim, por exemplo, ao saudar a autobiografia de Trotsky em 1943, com um ensaio chamado ‘Uma vida exemplar’, o jovem crítico corria risco de represália pelos dois lados”.

contestação socialista constante e à esperança de que o Brasil venceria, através dos mais humildes e dos trabalhadores, as tragédias de sua dependência e subdesenvolvimento. (FERNANDES, 1995, p. 94-95).

A relação com Candido era para Florestan Fernandes mais que uma amizade, “sinto orgulho por sermos colegas fraternos. Eu nunca tive irmãos, elegi em Antonio Candido a figura do irmão” (FERNANDES, 1995, p.184). Dessa amizade ocorre um fato inusitado e de grande importância para o desenvolvimento da Sociologia brasileira. Como se sabe, Florestan Fernandes teve uma origem humilde e inúmeras dificuldades para finalizar e concluir os estudos conciliando a carreira acadêmica com o trabalho que não era das tarefas mais fáceis⁵.

Fernando de Azevedo então catedrático da cadeira de sociologia II tomou conhecimento por intermédio de Roger Bastide, tanto do talento como das dificuldades de Florestan, ali iniciou-se um contato entre eles. Fernando de Azevedo ofereceu-lhe sua biblioteca, orientação e as condições financeiras necessárias para enfrentar as dificuldades, Florestan agradece a oferta e diz que se fosse preciso procurá-lo-ia. O contato acadêmico ocorria mais frequentemente com reuniões constantes, em certo momento, em uma dessas reuniões Fernando de Azevedo pergunta se Florestan Fernandes gostaria de ser professor da Faculdade de Filosofia, Florestan responde que sim, mas nunca mais tocaram nesse assunto.

Quando se aproximava da finalização do curso de Ciências Sociais, Florestan havia terminado o curso do professor Paul Hugon realizando um trabalho sobre comércio exterior no Brasil entre 1822 a 1940. Impressionado com o trabalho e vislumbrando que ali poderia render um ótimo de trabalho de doutoramento, Paul Hugon deixa o convite em aberto para Florestan Fernandes trabalhar como seu assistente.

⁵ No segundo semestre de 1941, Florestan Fernandes entrega um trabalho de finalização de curso para a disciplina de Sociologia I do catedrático Roger Bastide, a disciplina ministrada pela assistente Lavinia Costa Villela pois o Bastide se encontra ausente. Florestan faz um trabalho empírico de recomposição do folclore paulista e da cultura popular e entrega a professora, que não considerou que levou o enfoque sociológico do folclore longe demais e atribuiu nota nove. Inconformado com os comentários da assistente, Florestan Fernandes procura o catedrático da disciplina Roger Bastide que dissera não abandonar tal abordagem e sim aprofundá-la, “na ocasião, Bastide tomou conhecimento das dificuldades econômicas do estudante e encaminhou-o a Sérgio Millet, contato que teve por resultado uma colaboração regular no jornal *O Estado de São Paulo*, iniciada em 1943.” (GARCIA, 2002, p. 83).

Nesse ínterim, para sua surpresa, recebe um telefonema de Fernando de Azevedo convidando-o para uma reunião, o tema era a possibilidade de ser segundo assistente na cadeira de sociologia II. Nessa reunião é que a perspicácia e a sutileza de Antonio Candido afloraram de modo preciso, conforme relato de Florestan Fernandes:

Dr. Fernando, o senhor tem toda a responsabilidade neste convite. O senhor está convidando um aluno... eu não sou um professor. O senhor deveria chamar um professor, essa é a sua responsabilidade. Se eu falhar, aí o senhor não pode transferir a culpa para mim. Ele levou um susto. Acho que, pela primeira vez na vida, se deu conta que não se convida um assistente aleatoriamente. E quem me salvou foi Antonio Candido. Não sei se Antonio Candido lembra, mas ele naquela perplexidade, estava mais ou menos inclinado a dizer: 'Acho que você tem razão, é melhor procurar outro assistente'. Aí Antonio Candido disse: 'Olha, Dr. Fernando, nós todos sabemos muito bem que o Florestan é burro, que não sabe nada, que incompetente não pode ser assistente'. Dr. Fernando deu uma gargalhada e o convite ficou acertado. (FERNANDES, 1995, p. 189).

Esse episódio é de fundamental importância para o desenvolvimento da Sociologia brasileira, visto que a partir da condição de segundo assistente Florestan Fernandes passa a liderar inúmeras pesquisas que remodelaram a sociologia no Brasil. Por sua vez, não apenas no plano subjetivo é ressaltada a importância de ambos, mas de uma perspectiva contestadora e radical como expoentes do pensamento progressista. Para Mota (1980, p. 174) nos anos 1950 toda a intelectualidade progressista ingressou em projetos de cunho reformista e nacionalista, "exceções – e elas não foram poucas – podem ser encontradas em posições teóricas (e práticas) assumidas por representantes do pensamento progressista, como Antonio Candido e Florestan Fernandes".

Ainda nos anos 1940, Antonio Candido participa do primeiro Congresso Brasileiro de Escritores de caráter nitidamente de oposição ao governo varguista, mais precisamente no ano de 1947, em conjunto com Sérgio Buarque de Holanda adere à Esquerda Democrática, que daria origem ao Partido Socialista Brasileiro pelo qual foi candidato a deputado estadual em 1950, mas não teve sucesso no pleito. Em 1966, depois de uma

temporada em Paris, retorna acenando apoio ao MDB contra o regime civil/militar e no final dos anos 1970 assina o manifesto dos intelectuais pedindo o fim da censura.

Nos anos 1980, juntamente com Sérgio Buarque participa da fundação do Partido dos Trabalhadores. Florestan Fernandes irá aderir mais à frente em 1986⁶ e se candidataria a deputado constituinte, apesar de trabalhar arduamente nas duas investidas vitoriosas de Florestan tanto para deputado constituinte como para o mandato parlamentar, “Antonio Candido conta que, então, comentou com Gilda de Melo e Souza a coragem do amigo. Com a saúde fragilizada pelos dez anos de hepatite e por outras complicações, Florestan decidira ‘morrer lutando’” (SEREZA, 2005, p.175).

A entrada de Antonio Candido ao Partidos dos Trabalhadores que representava naquele momento a expressão de um partido de massas, formado por trabalhadores e intelectuais, resgatava simbolicamente os ideais de um projeto socialista, democrático e de ruptura com o status quo vigente, algo que fora vislumbrado por ele na esquerda democrático dos anos 1940. Löwy (2018, p. 127) salienta que Antonio Candido permaneceu fiel ao Partido dos Trabalhadores, para ele os governos do “PT, de 2012 a 2015, não corresponderam a essa expectativa, mas Antonio Candido, apesar de suas críticas não deixava de reconhecer as importantes conquistas sociais obtidas nesse período pelas camadas mais pobres da população”

Em visita a Antonio Candido, Michel Löwy relata como ficou impressionado com a síntese lúcida da história do Brasil feito por Antonio Candido

Nosso país, dizia Antonio Candido, concebeu três grandes Homens de Estado: Dom Pedro II, que conseguiu manter a unidade lusófona e aboliu a escravidão; Getúlio Vargas, que inaugurou a industrialização do país e introduziu as primeiras leis trabalhistas; e Lula, que permitiu à maioria do povo conquistar importantes direitos sociais. (LÖWY, 2018, p. 127).

⁶ Segundo Sereza (2005) Florestan apesar da simpatia tinha resistência ao que denominava ser um caráter um tanto “light” do Partido dos Trabalhadores e irá aderir após uma reunião com Lula, José Dirceu e Eduardo Suplicy.

Antonio Candido faleceu em 2017 aos 98 anos de idade, sua lucidez e fidelidade às ideias do socialismo democrático que incorpore os debaixo permaneceu até os últimos dias de sua vida. Esses ideais estavam nas críticas ao Partido dos Trabalhadores, que ao longo de seus anos no governo distanciou-se desse ideário. A avaliação de Antonio Candido colocando o ex-presidente Lula no rol de grande estadista está mais próxima de uma fidelidade ao Partido dos Trabalhadores superestimando a figura de Lula, na avaliação de Löwy (idem) “é um grande elogio ao presidente Lula, mas... bastante ambíguo, considerando que a bandeira do PT em seus primeiros tempos era a autoemancipação dos trabalhadores”, ambíguo e até contraditório com as origens petistas, mas consonante e coerente com a personalidade de Antonio Candido.

O SOCIALISMO PRESENTE EM OS PARCEIROS DO RIO BONITO

Antes de adentrarmos propriamente na obra *Os Parceiros do Rio Bonito*, cabe para fins de análise retomar um estudo feito por Candido em 1943 coordenado por Roger Bastide, com os assistentes das cadeiras de Sociologia I e II da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. O trabalho de campo tinha como intenção levantar material folclórico sobre os batuques na cidade de Tietê, Antonio Candido “se ofereceu para ficar alguns dias a mais, o grupo voltou a São Paulo na manhã seguinte à festa, e fez uma série de entrevista para a verificar a repercussão do batuque.” (JACKSON, 2002, p. 33).

Essa pesquisa foi salutar ao perceber a distribuição praticamente estratificada entre as classes em Tietê;

[...] a importância da situação social para definir a classe a que pertence o indivíduo, e a dependência em que o sentimento deste se encontra relativamente ao consenso coletivo. Daí, portanto, o valor dado, pelos indivíduos em ascensão, às maneiras, hábitos e atitudes da classe mais elevada. E daí a tenacidade com que se, opõem a qualquer vislumbre de confusão com o povo. ‘A ideologia de um dado período é a ideologia das suas classes dominantes’ ensina Marx. (CANDIDO, 1947, p. 103).

A pesquisa em Tietê evidenciava que nas sociedades de baixa mobilidade vertical ocorre um sistema rígido de classes, Antonio Candido identificou três classes sociais: classe social I – do vértice da pirâmide, formada por setores aristocratas e família tradicionais, a Classe II, uma espécie de “classe média baixa” que conseguiu alguma ascensão econômica, mas mantinham valores e práticas plebeias e Classe III – o setor subalterno formado principalmente por negros e mulatos.

As formas de distinção criadas pela classe I davam o tom do que Antonio Candido chamou de “situação de classe”, o pertencimento a uma determinada classe não requer apenas posses, mas prestígio, estética e comportamentos que evidenciam a distinção de uma classe a outra. Nesse sentido, o preconceito e o racismo foi algo constatado na pesquisa delimitada pela expressão cultural dos negros; o batuque.

A repulsa assumia, igualmente, motivos variados: humilhação (‘será que não há em Tietê outra coisa para mostrar, além dessa negrada’), revolta (‘é o cúmulo explorar esses pobres negros, fazendo-os de palhaços’), sentimento de insegurança (‘daqui a pouco os rapazes de família vão cair no batuque’), preconceito moral (‘onde já se viu arranjar oportunidade para negra dar umbigada’; ‘daqui a pouco vamos ter negrinha deflorada’) preconceito religioso. (CANDIDO, 1947, p. 99).

Tal evento, a batucada, fora patrocinado pela prefeitura e esse fator causava revolta e aflorava o preconceito de raça, inclusive e mais perniciosamente dos membros da classe II e os membros do grupo eclesiástico. Os intelectuais da cidade independente do pertencimento a classe II ou III revelaram determinada autonomia de opinião, descolando da posição majoritária da classe de origem. Esse foi o primeiro artigo de Antonio Candido na Sociologia e revela os prenúncios de sua abordagem com ênfase às classes subalternas, buscando analisar as contradições da sociedade e partindo “do fato concreto em direção à teoria – foram os dados obtidos nas entrevistas que conduziram à interpretação” (JACKSON, 2002, p.33).

Essas condições também estão presentes em *Os parceiros do Rio Bonito*, obra que nasce sobre uma poesia manifesta no Cururu – expressão artística e cultural dos caipiras paulistas. A pesquisa demonstrou uma

complexidade e o senso de realidade em que se inscrevia o cururu suscitaria um trabalho especial. A partir desse contexto, que começa a pesquisa sobre os caipiras, segundo Fernandes (1995, p.97)

A pesquisa foi feita com enorme sacrifício pessoal e a elaboração do livro foi lenta e exigente. Por seu intermédio, um tipo de homem pobre 'livre'⁷ ganhou espaço na estante dos clássicos, iluminou-se uma parcela do Brasil dos de baixo, o que eles são, como gente e portadores de uma civilização excluída e de uma sociedade subalternizada. Ampliou-se a área dos nossos contemporâneos que não são coetâneos da história oficial, mas que apresentam um desafio: eles não podem ser apenas 'objeto' da reforma agrária ou dos movimentos libertários e humanitários da sociedade civil.

Além de revelar um outro sujeito social na sociedade brasileira, branco, pobre e com um tipo cultura subalternizada, Candido lança aspectos de remodelação do fazer sociológico porque alia a escrita ensaísta, avançando nos aspectos descritivos, sem deixar de lado a influência da análise sociológica ao qual alerta o “leitor verá que aqui se combinam, mais ou menos livremente, certas orientações do antropólogo a outras mais próprias do sociólogo” e mais adiante ratifica “a Antropologia tende, no limite, à descrição dos casos individuais, enquanto a sociologia tende à estatística” (CANDIDO, 2010, p.21).

Essa característica não era predominante na sociologia, com a vinda dos professores franceses na Universidade de São Paulo, o ensaísmo vinha sendo superado pela ênfase aos estudos empíricos e os trabalhos de campo. A importância do rigor metodológico era uma forma de orientar e garantir a cientificidade da pesquisa, sem cair em achismo e suposições equivocadas. Na realidade, Antonio Candido alia a escrita ensaística com o rigor sociológico fazendo uma mescla e possibilitando um olhar mais sutil sobre o objeto pesquisado.

⁷ Essa relação do homem pobre e livre também foi explorada por Maria Sylvania de Carvalho Franco em seu livro *Homens livres na ordem escravocrata* (FRANCO, 1997), fruto de sua tese de doutorado, ao qual um dos membros da banca foi Antonio Candido. Em seu livro, inclui a violência como forma de sociabilidade do caipira, que poderia soar com uma crítica aos Parceiros do Rio Bonito. Em entrevista concedida a Luiz Carlos Jackson (2002, p.137-138) ao ser questionado sobre essa crítica, Antonio Candido é categórico: “Não creio que haja crítica. Maria Sylvania sempre foi simpática ao livro. Pode-se dizer que ela aborda aspectos que não abordei, como a violência. Aliás o seu livro não é exatamente sobre o caipira pobre, dependente, como o meu, mas engloba a classe dominante rural, fonte principal de violência”.

A sutileza é perceptível quando analisa a rusticidade do caipira, ao relatar uma influência marcante do indígena e do bandeirante, que pode ser demonstrada na rudeza de tratamento como sendo muito valentes e resistentes. Essa influência bandeirante pode ser notada no caráter nômade do caipira, na transmissão de sua cultura que passava de geração à geração.

Outro aspecto analisado foi a economia fechada, de um trabalho isolado resultante de uma agricultura extensiva e itinerante, “foi um recurso para estabelecer o equilíbrio ecológico: recursos para ajustar as necessidades de sobrevivência à falta de técnicas capazes de proporcionar rendimento maior da terra” (CANDIDO, 2010, p.55). Apesar dessa dificuldade técnica, o caipira tinha o seu domínio, mesmo rudimentares e sem grande produtividade, esse domínio técnico refere-se à sua ligação com a terra e a natureza, que incluía uma relação de respeito e cuidado mais ligada ao trabalho concreto nos termos de Marx, conforme descreve no prefácio:

[...] devo a obra de Marx a consciência da importância dos meios de vida como fator de dinâmico, tanto de sociabilidade, quanto da solidariedade que, em decorrência das necessidades humanas, se estabelece entre o homem e a natureza, unificados pelo trabalho consciente. Homem e natureza surgem como aspectos indissolúvelmente ligados de um mesmo processo, que se desenrola como História da sociedade. (CANDIDO, 2010, p. 15).

Ao observarmos de maneira descontextualizada o caipira, pode nos levar ao entendimento da utilização de uma técnica retrograda em relação a natureza: a queimada. Porém, sua relação umbilical com a terra e com a natureza era bem distinta, a relação com o tempo não era marcada pelo cronômetro, a colheita e a plantação eram regidas pelas festas religiosas, essa relação com o tempo e com a natureza não tem como fundamento o processo de acumulação e passa ao largo das relações capitalista. Esse contraponto as relações capitalistas são expressas por uma dieta rudimentar, pobre e uma agriculturade pouco acúmulo, de subsistência e uma vida de precariedade.

Antonio Candido faz uma análise de uma sociologia da subsistência, esse camponês pobre que vivia em casas de palha, cheia de animais peçonhentos, não paravam em local específico devido sua

mobildade contínua, inerente ao seu modus de vida e sociabilidade, que é oposto da noção de propriedade privada.

A mudança na vida do caipira começa a ocorrer com o avanço da economia capitalista, que muda sua relação com a terra e o trabalho, da cooperação de uma economia doméstica, visto que o caipira não tinha como horizonte a poupança, basicamente o que ele tinha trocava com outros produtos. Isso fica mais evidente quando o caipira se vê na necessidade de trabalhar com a noção de compra e venda e desponta a ideia de regularidade e irregularidade. A perspectiva doméstica da compra dos insumos para o plantio e a irregularidade da venda gerava um desbalanceamento da relação entre receita e despesa afetando diretamente seu trabalho no mundo rural. Esse processo força o trabalho individualizado, que multiplica o esforço físico do caipira e atrofia qualquer forma coletiva de trabalho, agregasse o avanço da empresa capitalista no campo levando esse caipira ao processo de proletarização.

Outro fator que marca profundamente esse modus de vida é a densidade demográfica, o espaço urbano começa invadir o meio rural e diminuir a quantidade de terras disponíveis, mesmo as pequenas propriedades passam a enfrentar a concorrência da grande empresa capitalista do campo extinguindo a cultura do nomadismo e contribuindo para a própria extinção da cultura do caipira,

Em momentos como o nosso, quando vemos as possibilidades de ação sobre a Natureza e a sociedade aumentarem em número e eficiência, podemos realmente compreender, segundo as expressões centenárias de Marx, que a 'cidade resulta da concentração de população, dos instrumentos de produção, do capital, dos gozos, das necessidades, enquanto o campo mostra justamente o contrário, o isolamento e a separação. A oposição entre campo e cidade só pode existir no quadro da propriedade privada. É a expressão mais grosseira da subordinação do indivíduo à divisão do trabalho e a uma determinada atividade que lhe é imposta. Subordinação que faz de um, um animal limitado da cidade, de outro, um animal limitado do campo, reproduzindo cada dia o conflito dos seus interesses. (CANDIDO, 2010, p. 259).

A implementação da lógica capitalista aniquila a cultura do caipira restando-lhe algumas alternativas: um processo de resistência ou assimilação e incorporação da cultura capitalista ou tentar uma assimilação mista. Evidente que o caipira acaba aderindo e assimilando esse novo modus de vida, que foi difundida e implementada por políticas governamentais nos anos 1950, tais políticas demonstravam nenhum apreço e respeito pela cultura caipira e de sua relação com natureza. A política de levar o homem do campo para a cidade culminou em processo de urbanização do campo e de barateamento dessa força de trabalho na cidade. Assim, Antonio Candido (2010, p. 257) defende a tese de reforma agrária, “a situação estudada nesse livro leva a cogitar o problema da reforma agrária”.

Antonio Candido recupera um marco civilizatório e alerta para um problema estrutural da sociedade brasileira, a urbanização do campo levou ao um traumatismo econômico e social. Essa grande empresa capitalista gestada no campo não produz alimentos para saciar a fome do povo, o intuito é uma produção em larga escala, com alta produtividade e lucratividade com fins de exportação. Certamente crítico dessa vertente, Antonio Candido aponta uma saída civilizatória para a sociedade brasileira e para a sobrevivência de culturas tradicionais.

O livro *Os Parceiros do Rio Bonito* pode ser inserido no rol dos clássicos do pensamento social, a tese de Antonio Candido é inovadora em vários sentidos, mas em um período em que a sociologia e o pensamento social brasileiro pouco abordavam as classes subalternas, Antonio Candido faz aparecer na literatura o caipira, sua cultura, seu modus de vida. Homem pobre de cultura rústica que pouco interessava à sociologia, mas era elemento fundamental da referência de Antonio Candido para a construção do socialismo; o sentido da relação entre homem e natureza não passa apenas pelo lucro e os anseios do capital e sim pelos processos de sociabilidade construído por esse homem simples.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio. Antonio Candido. *In*: PERICAS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln Ferreira. *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014. p.275-286.

- CANDIDO, Antonio. Opinião e classes sociais em Tietê. *Sociologia*: revista didática e científica, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 97-112, 1947.
- CANDIDO, Antonio. A sociologia no Brasil. *Tempo Social*: Revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 18, n. 1, jun. 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- CARDOSO, Fernando Henrique. *Pensadores que inventaram o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- FERNANDES, Florestan. *A contestação necessária*: retratos de intelectuais de inconformistas e revolucionários. São Paulo: Ática, 1995.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. 4. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.
- GARCIA, Sylvia. *Destino ímpar*: sobre a formação de Florestan Fernandes. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- JACKSON, Luiz Carlos. *A tradição esquecida*: os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: FAPESP, 2002.
- LIMONGI, Fernando. Mentores e clientela da Universidade de São Paulo. In: MICELI, Sérgio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais; Idesp, 1989. v.1. p. 111-187.
- LÖWY, Michael. Teresina etc.: o socialismo de Antonio Candido. In: FONSECA, Maria Augusta; SCHWARZ, Roberto. *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Ed. 34, 2018. p.122-127.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1980.
- SANTOS, Luiz Antônio C. A radicalidade de Os parceiros do Riobonito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002.
- SEREZA, Haroldo Ceravolo. *Florestan*: a inteligência militante. São Paulo: Boitempo, 2005.
- SCHWARZ, Roberto. Antonio Candido 100 anos. In: FONSECA, Maria Augusta; SCHWARZ, Roberto. *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Ed. 34, 2018. p.11-13.